

Mineirinho, Meu Erro

Luis Fernando Bruno¹

O conto ‘Mineirinho’ de Clarice Lispector, evoca a humanidade perdida em nós diante da cegueira da indiferença, da blindagem que falsamente criamos e como nos tornamos “sonsos essenciais”, como define a autora, para fingirmos estar seguros.

Movida pela notícia da morte de Mineirinho, um bandido que sem reagir é assassinado com treze tiros pela polícia carioca, a autora escreve um conto que nos provoca uma reflexão sobre direitos humanos, justiça e Fé.

O sentido de humanidade nasce quando o horror da violência não justifica o ato de “justiça”, tópico que falarei mais a frente e sem aspas, porque a justiça praticada aqui pelo Estado como forma de punir um bandido, ainda que assassino, não condiz com a que nós seres humanos, movidos pelos mesmos sentimentos e desejos, sujeitos complexos cheios de camadas, habitantes do mesmo planeta mas numa sociedade desigual, uns com mais e outros com muito menos oportunidades, devemos acreditar. Não temos o direito de reduzir a palavra “justiça” na atitude de disparar 13 tiros contra um sujeito como forma de reparação de erros, de punir no intuito de restituir à vida a sua normalidade.

E essa indignação aparece no conto quando Clarice cria um paralelo como se seu o corpo fosse atingido pelos disparos, não por projéteis, mas pelas sensações causadas por tamanha brutalidade.

“Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro” (Lispector,2016 :386).

¹ Aluno do quinto período do curso de Artes Cênicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Na figura de Mineirinho, Clarice nos aponta um espelho para nossa responsabilidade com o outro, traz luz para a alienação em que nos encontramos em relação ao sofrimento alheio. A leitura se torna dolorosa, pois é possível sentir as frases construídas com maestria pela autora irem de encontro com o profundo do nosso ser, e é nesse lugar que deveríamos estar para olhar o próximo.

Pois não posso julgar o outro com uma trave nos olhos (Mateus 7:3-5), é preciso olhar com compaixão, estando em contato com as nossas misérias, criando pontes de periferias distantes, mas de almas semelhantes. Identificando no outro uma parte de mim. “Porque sei que ele é o meu erro. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem” (Lispector, 2016 :387).

Reconhecendo parte de nossa responsabilidade para com a construção alheia, do outro e da sociedade como um todo é que podemos entrar no tópico da Justiça. “Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo” (Lispector, 2016: 387)

Na lógica do Reino apresentada por Jesus, a justiça de Deus nada tem a ver com a justiça terrena, fica claro quando Jesus faz questão de separá-las quando diz: “Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:15-22), porém alerta Pilatos antes de sua sentença “ Não terias qualquer poder sobre mim, se não fosse lhe dado de cima” (João 19:11)

De nada tem a ver a justiça divina com a dos homens, mas os atos de quem detém o poder devem ser medidos com ética e prudência. A justiça apresentada por Jesus passa pelo serviço.

A justiça dos tribunais é cega, doa a quem doer, apesar de sabermos que o rigor da lei pesa mais sobre uns que em outros, e isso não é um dado de nossos tempos. A tradição Farisaica pregava: Afasta-te dos pobres, dos pecadores, porque são malditos. A condição de viver na pobreza os impedia de praticar a lei, portanto concluíam que eram pecadores. O próprio Cristo, é sentenciado a morte sem crimes, a condenação vem por sua atitude crítica aos dirigentes e poderosos da época, ataca diretamente aos Escribas, Fariseus, Sumos Sacerdotes, acaba com o comércio dentro do templo e declara que o templo vai acabar. O templo nesta fala,

representa o sistema da época. Então é açoitado, obrigado a carregar o madeiro com o qual seria crucificado.

Na solidão da hora de sua agonia, Jesus perdoa o homem que também sofre ao seu lado. Ele inocente, o outro um criminoso, há uma troca de olhar e de afeto de dois homens que se encontram na dor do abandono e na miséria da morte. O homem reconhece seus pecados, Jesus o perdoa. (Lucas 23: 41-43)

Bandido bom não é bandido morto, bandido bom é bandido reintegrado à sociedade, bandido bom é aquele que nunca existiu por ter tido as oportunidades de educação, saúde, moradia e afeto. Não é possível falar de justiça sem garantir acessibilidade, não podemos falar de paz sem que o direito de sobrevivência e direitos essenciais sejam violentados.

“Essa coisa é um grão de vida que se for pisado se transforma em algo ameaçador — em amor pisado; essa coisa, que em Mineirinho se tornou punhal, é a mesma que em mim faz com que eu dê água a outro homem, não porque eu tenha água, mas porque, também eu, sei o que é sede” (Lispector, 2016: 388)

Clarice deseja que Mineirinho não tivesse morrido mesmo com todos os seus crimes. A perplexidade dessa sensação conflituosa que tem base em nossa construção social de causa e efeito e de nossa noção de justiça, se justifica na lógica do Reino de Deus, onde todos tem direito a vida, e reconhecendo o outro parte de si, com um olhar compassivo, Clarice sentencia: Esse homem é inocente!

“Sua violência inocente — não nas consequências, mas em si inocente como a de um filho de quem o pai não tomou conta. Tudo o que nele foi violência é em nós furtivo, e um evita o olhar do outro para não corrermos o risco de nos entendermos” (Lispector, 2016: 387)

Em uma rara entrevista concedida em 1977, a Júlio Lerner, da TV Cultura, Clarice revela qual entre tantos de seus textos seria o seu predileto, “O Ovo e a Galinha” e “Mineirinho” e questionada se ela teria a intensão de mudar a ordem das coisas no caso específico da escrita de “Mineirinho” ela responde: “Não altera em nada. Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa”.

Clarice nos demonstra tamanha desesperança numa justiça praticada pelos homens, e na maneira como agimos de forma individualista que cria abismos na sociedade. No conto fica claro o seu desejo de uma Justiça com um olhar mais humano.

“Sobretudo uma justiça que se olhasse a si própria... e por isso nem mesmo a maldade de um homem pode ser entregue à maldade de outro homem: para que este não possa cometer livre e aprovadamente um crime de fuzilamento...e que na hora em que o justiceiro mata, ele não está mais nos protegendo nem querendo eliminar um criminoso, ele está cometendo o seu crime particular... Na hora de matar um criminoso – nesse instante está sendo morto um inocente”. (Lispector, 2016:390)

Mas Clarice segue com seu pensamento em resposta ao repórter concluindo:

“Porque no fundo a gente não está querendo alterar a ordem das coisas, a gente está querendo é desabrochar”

Aqui ousou interpretar Clarice pela ótica cristã usando as palavras de Paulo que escreve

“E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12:2).

A metanoia é o primeiro e definitivo passo para trilhar o caminho de mudança proposto por Jesus. A própria experiência de Paulo como exemplo de conversão, quando a caminho de Damasco lhe é revelado que pode ser justificado pela fé em Jesus e não mais nas leis. Antes era um perseguidor que matava cristãos, agora um anunciador. Então penso que o desabrochar que Clarice fala, está em diálogo com o renascer proposto por Jesus a Nicodemos quando diz: “Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo” Jesus propõe a quebra de um pensamento construído, fala de um olhar para dentro “O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito” (João 3:1-12).

“não é que eu queira o sublime, nem as coisas que foram se tornando as palavras que me fazem dormir tranquila, mistura de perdão, de caridade vaga, nós que nos refugiamos no abstrato.

O que eu quero é muito mais áspero e mais difícil: quero o terreno”.(Lispector, 2016:390)

O “terreno” que Clarice menciona, está ligado ao desejo de uma humanidade a ser resgatada, do reconhecimento do homem como um ser em construção, um ser sensível, do olhar compassivo para as misérias do outro, esse desejo é semelhante ao da construção do Reino de Deus na terra, Jesus não nos fala de um reino distante, mas de um projeto a ser realizado no momento presente. Por isso devemos estar atentos e sermos agentes transformadores de uma realidade que está ao nosso lado e por vezes fingimos não enxergar. Assim seremos compatíveis com a construção do Reino, e por meio das palavras de Clarice medito sobre as palavras de Jesus, onde o amor, a compaixão e a misericórdia se fazem presentes.

BIBLIOGRAFIA

LISPECTOR, Clarice. **Todos os Contos**. 1edição. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2006.